

Narcisismo e subjetividade

Narcissism and subjectivity



Gabriel Almeida Assumpção*

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte – MG, Brasil

Resumo

O conceito de narcisismo é de essencial valor no curso da metapsicologia freudiana, dadas suas implicações que conduziram a mudanças no modelo de psiquismo apresentado por Freud na Primeira Tópica, no capítulo VII da *Interpretação de Sonhos* (1900). No presente trabalho buscamos expor, primeiramente, a noção freudiana do eu em dois momentos distintos de sua obra, a saber: o *Projeto de uma Psicologia de 1895* e *A Interpretação de Sonhos*. Em seguida, tencionamos demonstrar – com ênfase nos artigos metapsicológicos (1915-1917) – como o conceito de narcisismo subverte as duas concepções anteriores do eu, a partir da sua articulação com a teoria das pulsões, devido às investigações trazidas pela psicanálise no campo da psicopatologia. Finalmente, pretendemos refletir acerca das implicações da nova noção de eu trazida pelo narcisismo para se observar como se entrelaçam psicanálise e subjetividade.

Palavras-chave: Eu; narcisismo; pulsões; subjetividade.

Abstract

The concept of narcissism is of essential value in the course of the Freudian metapsychology given its implications in the changes of the model of psychism presented by Freud in the First Topic, in chapter VII of *The Interpretation of Dreams* (1900). In the present paper, we attempt to expose, first, the Freudian conception of Ego in two different moments of his work: the *Project of a Psychology of 1895* and *The Interpretation of Dreams*. Then, we intent to demonstrate – by emphasizing the metapsychological writings (1915-1917) – how the concept of narcissism subverts the former conceptions of Ego due to its articulation with the theory of drives and to the investigations brought about by psychoanalysis in the field of psychopathology. Finally, we intend to make a reflection regarding the implications of the new notion of Ego brought by narcissism in order to observe how psychoanalysis and subjectivity intertwine.

Key-words: Drives; Ego; narcissism; subjectivity.

* Dedico este trabalho à minha querida Cláudia e ao meu amigo Wasney

Introdução

Sigmund Freud é um autor que desperta a curiosidade mesmo de quem não o lê – e mais ainda de quem o faz – devido, possivelmente, aos temas instigantes que discute: amor, morte, sexualidade, sonhos, atos falhos. Além de tocar em assuntos que evocam interesse, a obra de Freud se destaca pela profusão de conceitos originais e fecundos, entre os quais a pulsão, o trabalho do sonho e – sem dúvida – o narcisismo. O exame desta concepção nos mostra sua relevância na teoria psicanalítica, posto que a sua investigação no campo da psicopatologia e a forma como o narcisismo se articula com as noções freudianas de pulsão e de eu permitiram a Freud uma profunda revisão de sua teoria, culminando na segunda tópica do aparelho psíquico. Conforme nos diz Garcia-Roza,

“Com a introdução do conceito de narcisismo, em 1914, a oposição entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu sofre o primeiro abalo. O que o conceito de narcisismo tornou claro foi o fato de que as pulsões sexuais podiam retirar a libido investida nos objetos e fazê-la voltar sobre o próprio eu, constituindo-se em libido narcísica” (Garcia-Roza, 1995/2004b, p.36).

Desse modo, o conceito de narcisismo se mostra de suma importância no texto freudiano, merecendo ampla abordagem para se ter melhor compreensão de sua obra. O que temçionamos, com o presente artigo, é atentar para a fecundidade da noção de narcisismo. Primeiramente, observaremos a concepção freudiana de eu no Projeto de uma Psicologia (1950[1895]) e a da primeira tópica com A Interpretação de Sonhos (1900), mostrando algumas semelhanças e diferenças entre elas. Em seguida, procuramos mostrar as disparidades em relação às duas noções anteriores de eu as quais foram, em grande parte, trazidas pelo conceito de

narcisismo, que promove uma erotização do eu e lhe confere o estatuto de objeto. Pensaremos sobre o narcisismo a partir de uma breve exposição acerca do modo pelo qual este se articula à teoria das pulsões, promovendo mudanças na maneira como Freud concebe o psiquismo. Finalmente, faremos breves considerações acerca da subjetividade a partir da idéia de um eu constituído, em parte, de modo narcísico, buscando apontar implicações dessa constituição do eu no que diz respeito à alteridade. Por se tratar de um levantamento histórico e por não constituir estudo muito aprofundado, nosso trabalho será circunscrito ao período que se estende desde 1895 a 1917, de modo a expor, adequadamente e sem vistas a esgotar o tema, o impacto do narcisismo na metapsicologia freudiana.

A concepção de eu em dois momentos

É relevante, para uma compreensão mais profunda do narcisismo, entendermos – pelo menos em linhas gerais – as diferentes concepções de eu que surgiram ao longo da obra de Freud. Nosso interesse, no presente trabalho, compreende três grandes momentos, dois dos quais são examinados nesta seção: o eu do Projeto de uma Psicologia e o eu da Interpretação de Sonhos (o outro grande momento a ser examinado compreende os Artigos de Metapsicologia e o texto metapsicológico sobre o narcisismo, os quais serão discutidos nas seções seguintes).

No Projeto de uma Psicologia, Freud raciocina em linguagem influenciada pela física e pela neurologia. Sobre esta obra, diz-nos Garcia-Roza que “Embora o texto tenha sido recusado pelo autor, várias idéias nele contidas reaparecem (ou aparecem) em textos posteriores (...) isto sem contar um esboço de sua teoria dos sonhos” (Garcia-Roza, 1991/2004a, p. 70).

Nesse escrito de Freud (1950[1895])/1995), o sistema nervoso¹ é composto, basicamente, de três classes de neurônios: ϕ , responsável pela percepção; ψ – ligado à memória – e ω , a quem compete a consciência. O eu, aqui, associa-se com o sistema ω , a consciência, e tem uma função peculiar: assegurar ao indivíduo a distinção entre realidade e fantasia, a qual é movida pelo desejo – cuja saciação deixa traços na memória, os quais podem ser reproduzidos em pensamento. Quando constante, tal lembrança pode conduzir à frustração na falta do objeto desejado e, para evitar a decepção, uma forma de bloquear essa memória consiste no recalque e tanto este quanto a “atração de desejo primária” (a busca do objeto de desejo original, supostamente perdido e que, na realidade, nunca se teve) pressupõem que haja uma organização que neles atue, a qual seria o eu, capaz de bloquear processos psíquicos primários, exemplos dos quais seriam, a partir da Interpretação de Sonhos, o deslocamento e a condensação do sonho.

Conforme dito acima, o objeto de desejo gerado pela vivência de satisfação só existe em representação de fantasia e não de fato, sendo importante ressaltar que o objeto pode ser o próprio sujeito (Garcia-Roza, 1991/2004a). Pensando a partir do narcisismo, poderíamos relacionar essa questão com a maneira como se pode ter dificuldades de distinguir existência efetiva de imaginação, posto que há excesso de investimentos no próprio corpo, superestimando seu poder de intervir na realidade (desconsiderando, assim, as diferenças entre o desejo e a possibilidade – bem como a viabilidade – da sua eventual execução). A representação de fantasia, segundo Freud (1950 [1895])/1995), difere da percepção pelo

seguinte modo: ψ precisa de um sinal capaz de alertá-lo contra uma imagem capaz de causar desprazer e este signo é oferecido por ω – a consciência – a qual indica a realidade a ψ . O que possibilita tal processo é o eu, por intermédio do qual se distingue o percebido do representado, de forma que o reconhecimento da existência efetiva de algo e a renúncia da alucinação constituem a consideração mais adequada dos signos de realidade. Desse modo, onde o eu não intervém com os sinais de realidade, temos um processo primário, ao passo que a operação e inibição da parte do eu modera estes em processos psíquicos secundários.

Dessa forma, conforme Freud (1950[1895])/1995) nos aponta, o eu possibilita – por meio da inibição – que o objeto do desejo possa ser reconhecido como irreal. Nas palavras de Freud, “Os assim chamados processos secundários têm de ser explicados mecanicamente através do efeito que uma massa neuronal de ocupação constante (o eu) exerce sobre outra com ocupações variáveis” (Freud, 1950[1895]/1995, p. 75).

De maneira bem introdutória, discutimos o que é o eu do Projeto. Agora, seguimos nosso itinerário com o modelo de psiquismo da primeira tópica, no capítulo VII da Interpretação de Sonhos². Nesse momento, Freud (1900/1978) não pretende determinar o aparelho psíquico anatomicamente (temos aqui um distanciamento do Projeto), mas concebê-lo enquanto análogo a um microscópio ou a uma câmera. Assim sendo, Freud (1900/1978) postula que compreende o aparelho psíquico como um instrumento composto de sistemas/instâncias psíquicas com orientação constante em relação um ao outro, não se tratando, necessariamente, de um arranjo espacial verdadeiro, físico; trata-se de uma seqüência (ordem na qual se sucederiam

¹ Reparem que, nesse texto, ainda não temos uma noção clara de “aparelho psíquico”.

² Restringimos nosso estudo ao item B, intitulado “Regressão”.

os eventos psíquicos; ou ainda, a ordem seguida pela excitação no sistema durante um evento psíquico).

Nesse arranjo, Freud (1900/1978) argumenta que a percepção (P) e a memória são processos mutuamente excludentes, de modo a não haver invasão de um pelo outro, confundindo-se o percebido e o recordado; o que ocorre é a impressão, pelas percepções, de traços em nosso aparato psíquico: são os traços mnésicos, cuja função é a memória (no Projeto, seriam análogos aos neurônios ψ). Surge, aqui, uma dificuldade: como a faculdade de perceber preserva mudanças nos traços mnésicos e ainda permanece fresca para novas percepções? Freud propõe que se atribuam duas funções a dois sistemas distintos: memória Ics (no Projeto, corresponderia ao sistema ψ) e percepção Cs (correspondente, no Projeto, a ϕ e a ω). Esta instância recebe os estímulos mas não os retém; ou seja, a Cs não registra e é desprovida de memória, ao passo que Ics (ψ) transforma a excitação momentânea em traços duradouros.

Há, para Freud (1900/1978), uma ponte entre Ics e Cs, que é o sistema Pcs (pré-consciente), o qual proporciona mobilidade voluntária, constituindo via de acesso para o Ics à consciência, notavelmente durante o sono, quando o enfraquecimento da censura facilita o contato Ics/Pcs. É curioso observar que, no estado onírico, o sonho segue um caminho retrógrado, sendo que uma excitação chega à consciência. Trata-se da regressão, pela qual troca-se percepção por representação e vice-versa, havendo falha do princípio de realidade. Isso se manifesta em outros importantes fenômenos, como a alucinação e o sintoma. A regressão consiste, desse modo, na maneira pela qual os processos primários, não inibidos pelo eu, se manifestam na consciência. Embora não haja uso do termo regressão no Projeto, as idéias são bem semelhantes: na ausência

de inibição do eu, como no caso do sonho, os processos psíquicos primários prevalecem.

Portanto, vemos que as concepções do eu no Projeto e na Interpretação de Sonhos apresentam disparidades e semelhanças. A linguagem em que são expressas é diferente e o aparato conceitual da Interpretação de Sonhos é mais sofisticado e complexo, com uma tópica do psiquismo bem definida. No que diz respeito às semelhanças, tanto na Interpretação de Sonhos quanto no Projeto, o eu se identifica com a consciência e possui um papel organizador, agindo como inibidor de processos psíquicos primários. Até a primeira tópica, Freud apresentava uma concepção mais racionalista de eu. Com a postulação da pulsão de morte³ em Além do Princípio de Prazer (1920), Freud adquiriu uma visão mais pessimista do eu, revelando-o enquanto mais limitado e subjugado pelo inconsciente. O que possibilitou profunda mudança de ponto de vista em relação a estas idéias de eu foi o narcisismo, conceito divisor de águas na teoria psicanalítica.

Narcisismo e pulsão : a erotização do eu

A problemática do narcisismo impôs uma subversão no significado do eu a partir dos impasses proporcionados pelo seu estudo na clínica e que culminaram no segundo dualismo pulsional e, finalmente, na postulação da segunda tópica do aparelho psíquico, em O eu e o isso (1923). De modo a compreender os fundamentos metapsicológicos dessa mudança, buscaremos – em linhas bem gerais – expor uma visão geral do conceito de narcisismo e, em seguida, apontar como o mesmo se articula ao sentido metapsicológico

³ A qual não será desenvolvida neste trabalho, porque sua postulação está situada em período posterior ao último dos três momentos analisados neste trabalho.

dinâmico, ou seja, associá-lo com a teoria da libido e com a crise do primeiro dualismo pulsional e, depois, ao aspecto econômico, vinculando-o ao princípio de prazer e à negação do princípio de realidade. Segundo Garcia-Roza,

“É importante notar que, anteriormente ao artigo de 1914, o narcisismo era assimilado à perversão – escolha do próprio corpo como objeto de investimento amoroso – e que, a partir do texto sobre o narcisismo, passa a ser apontado como forma necessária de constituição da subjetividade. O narcisismo é condição de formação do eu, chegando mesmo a se confundir com o próprio eu” (Garcia-Roza, 1995/2004b, p. 42).

O narcisismo promove uma erotização do eu na medida em que consiste em um acréscimo do eu ao auto-erotismo. Esta questão nos remete a uma importante idéia freudiana, acerca da passagem do auto-erotismo ao narcisismo. Como nos diz Freud em “On Narcissism” (Para introduzir o narcisismo) (1914/1978), o eu não existe desde que o indivíduo nasce, sendo necessário que se desenvolva. As pulsões auto eróticas, no entanto, já existem, sendo necessário um acréscimo de “uma nova ação psíquica” ao auto-erotismo para o narcisismo vir a ser: um eu constituído de modo narcísico. Laplanche e Pontalis comentam essa passagem do texto freudiano:

“A introdução da noção de narcisismo vem clarificar posteriormente a de auto-erotismo: no narcisismo é o eu, como imagem unificada do corpo, que é objeto da libido narcísica, e o auto-erotismo define-se, por oposição, como a fase anárquica que precede essa convergência das pulsões parciais para um objeto comum (...)” (Laplanche & Pontalis, 1967/1986, p. 80).

Ainda sobre o auto-erotismo, no texto “Instincts and their Vicissitudes”

(Pulsões e os destinos de pulsão), Freud (1915/1978) nos mostra que podemos conceber a fase inicial do desenvolvimento do eu enquanto uma fase de satisfação auto-erótica, o narcisismo primário, quando o corpo do próprio sujeito é alvo do voyeurismo, uma formação narcísica. Assim, a volta sobre o sujeito e a reversão ativo/passivo, dois destinos de pulsão, dependem da organização narcísica do eu do sujeito, havendo elo entre sexualidade, eu e narcisismo.

Quando o narcisismo primário é invadido pelo objeto, temos base para o desenvolvimento do ódio, o qual representa a relação defensiva do eu ao mundo exterior e sua protuberância de estímulos. O mundo e os objetos de amor/ódio eram, originalmente, a mesma coisa. Ao trazer prazer, um objeto é incorporado ao eu e, evocando desprazer, é projetado, como nos diz o autor (1915/1978). Assim, a relação com a alteridade é marcada, em termos psicosssexuais, pela influência da constituição narcísica do indivíduo. Deste modo, com a problemática do narcisismo, surge uma nova concepção de eu. Sendo o eu sexualizado, ele pode ser tratado como objeto da libido, e isso nos possibilita pensar melhor na relação do narcisismo e do eu – agora, possível de ser objeto – com um conceito que se articula com investimentos objetivos: as pulsões.

Ainda em “Instincts and their Vicissitudes” (Pulsões e os destinos de pulsão), Freud (1915/1978) diz de que as pulsões são apenas construções auxiliares, distintamente do aparato psíquico (um postulado), concebendo-as em dois grupos centrais: as pulsões de autopreservação (pulsões do eu) e as pulsões sexuais. Concebe que nas neuroses de transferência (histeria e neurose obsessiva), há conflito entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu. O autor diz também (1915/1978) que as neuroses narcísicas podem levar a uma

modificação da maneira como as pulsões estão classificadas, o que nos aponta a importância do narcisismo – em suas relações com a psicopatologia – para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, baseado no fato de que as “neuroses narcísicas” (esquizofrenia, megalomania, melancolia e paranóia) conduziram a uma modificação na teoria das pulsões devido à teoria da libido.

No texto “On Narcissism” (Para introduzir o narcisismo), Freud (1914/1978) nos traz um impasse à teoria das pulsões, com sua discussão sobre a teoria da libido. Ele se questiona quanto ao que acontece à libido quando ela se retira de objetos externos, como no caso da esquizofrenia. Diz que algo pode ser investigado com base na megalomania, a qual permite um olhar acerca de como essa libido é defletida dos objetos e se dirige ao eu, dando vez ao narcisismo. Trata-se, na megalomania, de um exagero de uma condição prévia – a saber, a sensação do bebê de satisfação imediata e de dedicação intensa dos pais. Os investimentos que são retirados dos objetos e se dirigem ao eu constituem, deste modo, uma regressão ao narcisismo primário e a base para o narcisismo secundário.

Freud (1914/1978) toma o corpo do pseudópode para fins de ilustração da teoria da libido: a libido se dirige aos objetos, mas está sempre atrelada ao eu e se lança aos objetos a partir do mesmo. O eu, dessa forma, modifica sua “composição”, da mesma forma que a ameba quando seu pseudópode se retrai portando novas substâncias, havendo relação recíproca entre libido do eu (que seria como o pseudópode que volta ao corpo da ameba) e libido objetual (a qual seria como o pseudópode saindo do organismo em direção ao alimento), sendo que é o investimento objetual que nos permite diferenciar esta daquela.

Uma questão importante surge da parte do autor (1914/1978): o que nos faz

superar o narcisismo, passando a investir em objetos exteriores ao eu? Possivelmente, quando o investimento do eu excede um grau, de modo que passamos a amar para não adoecer e a nos acometermos de enfermidade por não nos enamorarmos em decorrência da frustração. O aparato psíquico dominaria as excitações dolorosas e uma maneira que o eu encontra para tal ação é pelo angariar da libido.

Em seguida, Freud (1914/1978) aborda um tema bastante vinculado à constituição subjetiva do indivíduo e seu ingresso na cultura: o eu ideal (Ideal Ich) e o ideal do eu (Ich ideal). Quando os pais têm um filho, ele é tratado, enquanto bebê, com extrema admiração e superestimação, de modo que ocorre uma revivescência do narcisismo dos pais por meio do filho, no qual são depositadas as esperanças paternas e os sonhos não realizados – como no caso do pai que deseja que o filho exerça determinada profissão, ou da mãe que só aceita certo tipo de parceiro para a filha. Para Laplanche e Pontalis (1967/1986), o eu ideal nunca é abandonado e se relaciona à busca de um ideal de onipotência que culmina na regressão ao narcisismo infantil.

A criança, dessa forma, passa a acreditar ser capaz de tudo, até que, com eventuais reprimendas paternas e com incessantes comprovações pela realidade – como as doenças, os fracassos e as perdas – de que o ser humano não é onipotente, assume um ideal de eu. Laplanche e Pontalis pontuam que o ideal do eu também possui origem narcísica, sendo que o eu ideal cede espaço ao ideal de eu, sendo “uma formação intrapsíquica relativamente autônoma que serve de referência ao eu para apreciar suas realizações efetivas”. (Laplanche & Pontalis, 1967/1986, p. 289). O ideal de eu consiste em uma abdicação parcial do narcisismo infantil seguida de uma projeção do ideal para o futuro,

refletindo-se no que o indivíduo almeja ser, de modo a se realizar. Esse ideal se distancia do sujeito sempre que este tenta alcançá-lo, o que resulta num constante desejo, da parte do sujeito, de ser algo mais. Com os filhos, surge, novamente, a transmissão do ideal do eu dos adultos, agora, revivido pela criança na forma de eu ideal, ao qual os pais tiveram de renunciar – ainda que não integralmente – para se inserirem na cultura e pelo reconhecimento de suas limitações. Freud (1914/1978) aponta para a importância de se estudar o ideal de eu para se compreender a psicologia de grupos: família, classe e nações possuem um ideal em comum, de modo que não buscá-lo gera culpa. Além dessa importante distinção entre eu ideal e ideal do eu, temos a diferenciação entre o eu-prazer e o eu-realidade.

Em “Formulações sobre os dois princípios de funcionamento psíquico”, Freud (1911/1969) nos atenta para uma peculiaridade do desenvolvimento do eu: há conversão do eu-prazer em eu-realidade. O eu-prazer é consoante com o princípio de prazer, busca fugir do desprazer e visa à gratificação – mostrando-se mais compatível com o narcisismo, por desconsiderar as relações com a existência efetiva das coisas – ao passo que o eu-realidade, aderindo ao princípio de realidade, busca o útil e a fuga de danos – por reconhecer que há danos e considerar que o útil nem sempre é o desejado, mostra um ligeiro distanciamento de uma atitude excessivamente narcísica. Não devemos perder de vista, no entanto, que o próprio princípio de realidade é, de certo modo, sujeito ao princípio de prazer, já que existe em prol de um prazer posterior, ou para se evitar um eventual desprazer. Isto é exemplificado, por Freud (1911/1969), pelo mito da vida eterna: renuncia-se ao

prazer terreno para obter gozo celeste. Influenciado por Ludwig Feuerbach, Freud diz que se trata de uma “projeção mítica desta revolução da mente” (Freud, 1911/1969, p. 283).

Por sua vez, no texto “Instincts and their Vicissitudes” (Pulsões e os destinos de pulsão), vemos um acréscimo de Freud (1915/1978), o qual acrescenta que o eu-realidade, mais objetivo, diferencia-se do eu-prazer, regido pelo processo primário. O eu-prazer incorpora a si o agradável e a outra parte do mundo é o exterior a si. Assim, uma parte do eu-prazer é separada de si própria e projetada enquanto algo hostil. Notamos, aqui, que o eu-prazer corresponde a uma vivência de regressão, ao passo que o eu-realidade estaria mais relacionado com a consciência. Vemos, ainda que de maneira bem tímida, uma cisão do eu, estando o eu-prazer mais associado aos processos primários, a que compete o eu inibir.

Segundo o autor (1915/1978) surgem, em meio às relações do eu com o prazer e com a realidade, duas polaridades: Eu-sujeito versus Prazer e Objeto (mundo externo) versus Desprazer / Neutralidade. O eu auto-erótico, em decorrência das pulsões, tende a encontrar objetos externamente e percebe pulsões internas como desprazíveis. De acordo com Freud, (1915/1978), o princípio de prazer faz com que o eu absorva os objetos prazerosos e expulse o que causa dor. Convém pensarmos, a partir do exposto, o seguinte: é possível o eu tratar a si próprio como algo exterior e hostil – ou seja, há um efeito colateral da relação objetual que o eu desenvolve consigo próprio em decorrência do narcisismo? E, caso o seja, sob quais circunstâncias e por que razão? Respostas provisórias a estes questionamentos se apresentam no caso da melancolia.

O eu cindido

Freud (1917 [1915]/1992), em “Luto e Melancolia”, contrapõe o processo do luto ao da melancolia em termos metapsicológicos, de modo que na melancolia há, inicialmente, uma escolha objetal. Com uma decepção, a relação objetal se enfraquece, só que a libido retirada não se dirige para outro objeto, mas para o próprio eu. Produz-se, no eu, uma identificação com o objeto abandonado. A outra instância do eu toma aquela identificada como objeto e se lhe ataca. Assim, a perda objetal se converte em perda do eu e o conflito eu-objeto, em cisão entre a parcela crítica do eu e a parte do eu modificada por identificação e tornada em objeto.

Conforme o autor, (1917 [1915]/1992), para o melancólico, parece haver uma perda em seu eu. O eu do melancólico proporciona uma visão diferente da constituição do eu humano. “Vemos nele como uma parte do eu se contrapõe à outra, avalia-a criticamente, como que tomando-a por objeto” (Freud, 1917[1915]/1992). Há, neste caso, uma instância cindida do eu que o critica enquanto objeto, marcando uma cisão cujo fundamento está na consciência moral, na censura da consciência e na prova de realidade. Isso se realça porque, na melancolia, a censura é predominantemente moral. Freud discute (1917 [1915]/1992) que pode, neste caso, ter existido fixação no objeto amado e pequena resistência de investimento objetal. Ou seja, uma escolha de objeto narcísica, sendo que o investimento pode regredir facilmente ao narcisismo.

O eu, tratando a si próprio como objeto, torna-se passível de ser destruído internamente – e não por ameaça externa – e é por esses moldes que Freud (1917 [1915]/1992) articula narcisismo e suicídio: quando o eu substitui o objeto, a instância não-identificada do eu, tentando atacar o objeto original com que o eu-

objeto se identificou, ataca o eu do sujeito como um todo.

A partir do exposto no caso da melancolia, podemos retomar as concepções anteriores de eu, em que este era visto como mais organizado, e pensar: o que muda com as inovações aduzidas pelo narcisismo? Além da noção de uma parte do eu que se contrapõe a outra, criticando-a, outra resposta pode estar no “Suplemento Metapsicológico à Doutrina dos Sonhos” (Freud, 1992, p. 134). Freud (1917 [1915]/1974) atribuía orientação entre o interno e o externo da consciência, a qual oferece resistência a certas percepções, sendo o teste de realidade, em grande parte, decorrente do oferecimento de signos de realidade da consciência ao eu. Um eu muito investido – como no caso do narcisismo – não indica adequadamente a realidade, devido às alucinações, falhando no oferecimento dos signos da realidade e na inibição de processos psíquicos primários.

Conclusão: narcisismo, subjetividade e alteridade

O exame de textos estratégicos da metapsicologia freudiana, tendo por enfoque o narcisismo e suas relações com o eu, permitiu-nos observar que o eu era, antes da primeira tópica, uma organização neuronal capaz de mediar processos primários e ligada à consciência ω e, na primeira tópica, um mediador dos processos primários que atuava em Pcs e Cs. Se o eu ou a consciência falharem, não se reconhece a realidade, como na psicose. Uma atitude narcísica pode resultar em um alheamento da realidade, já que a relação com o mundo externo depende da capacidade de distinção entre o percebido e o representado, a qual cabe ao eu.

Os impasses na teoria da libido trazidos pelo narcisismo permitiram-nos compreender a importância do narcisismo

para o desenrolar do segundo dualismo pulsional e refletir sobre as suas implicações subjetivas, culminando, no estudo da melancolia, em um caso no qual se percebe a relevância do narcisismo enquanto agente da cisão do eu. Tratando a si como objeto, o eu cindido pode se tornar autodestrutivo e não permitir reconhecimento adequado da realidade.

Além dessas dificuldades da relação do eu com o narcisismo, temos uma grande implicação ética do narcisismo: a constituição narcísica do eu tem como ameaça a confusão entre a subjetividade e o eu, tomando-os por um só. Isso se reflete em uma postura de excessiva imposição sobre os outros, afirmando-se por meio do dinheiro, do

poder e do status. Ora, a constituição do indivíduo enquanto sujeito é formada em convívio com um meio social, sendo imprescindível a alteridade para que nos tomemos por sujeitos.

Em outros termos, é a partir do convívio com os outros e da abdicação de nosso ideal onipotente que nos constituímos enquanto seres humanos capazes de viver em uma sociedade. Dessa maneira, é de grande importância que busquemos uma atitude de mais reconhecimento e menos afirmação sobre o outro. Caso nos entregemos ao narcisismo, nossa subjetividade expelle o outro e retira-se nas cavernas de um eu solipsista e dividido. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Freud, S. (1969). “Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental”. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XI, 1ª ed. (pp. 277-286). (J. Salomão, diretor da Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).
- _____. (1978). “Instincts and their Vicissitudes.” (C. M. Baines., Trad.) In. S. Freud. The Major Works of Sigmund Freud (pp. 412-421). Chicago: Encyclopaedia Britannica (coleção Great Books, vol. 54). (Trabalho original publicado em 1915).
- _____. (1992). “Luto e melancolia”. (M. Carone, Trad.). Novos estudos CEBRAP, v. 32. (pp. 128-142). (Trabalho original escrito em 1915 e publicado em 1917).
- _____. (1978). “On Narcissism”. (C. M. Baines, Trad.). In. S. Freud. The Major Works of Sigmund Freud. (pp. 399-411). Chicago: Encyclopaedia Britannica (coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1914).
- _____. (1995). Projeto de uma Psicologia. (O. F. Gabbi Junior, Trad.). Rio de Janeiro: Imago Ed. (Trabalho original escrito em 1895 e publicado postumamente, em 1950).
- _____. (1974). “Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos”. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XIV. 1ª ed. (pp. 253-267). (J. Salomão, diretor da Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original escrito em 1915 e publicado em 1917).

- _____. (1978). The Interpretation of Dreams (A. A. Brill, Trad.) In. S. FREUD. The Major Works of Sigmund Freud. (pp. 135-398). Chicago: Encyclopaedia Britannica (coleção Great Books, 54). (Trabalho original publicado em 1900).
- Garcia-Roza, L. A. (2004a). Introdução à Metapsicologia Freudiana I: Sobre as Afasias (1891) e o Projeto de 1895. – 6. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1991).
- _____. (2004b). Introdução à Metapsicologia Freudiana III: Artigos de Metapsicologia; 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente – 6. ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1995).
- Laplanche, J. & Pontalis, J.-B. (1986). Vocabulário da Psicanálise. (Pedro Tamen, Trad.) – 9ª ed. – São Paulo: Martins Fontes (Trabalho original publicado em 1967).

Recebido em: 13/08/2007

Revisado em: 23/10/2007

Aceito em: 31/10/2007

Sobre o autor:

Gabriel Almeida Assumpção é aluno do curso de graduação em psicologia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais e bolsista em PROBIC pela FAPEMIG, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin. E-mail: kalosthanatos@yahoo.com